

CORRESPONDÊNCIA

Sou todo ouvidos

As cartas dos leitores são a prova que há vida para além da vida efémera de um suplemento de jornal



Escrevam que eu sou todo ouvidos

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

O DEFESO É BOA ALTURA PARA PÔR O correio em dia. Não que eu não responda a todos os leitores logo na volta do correio. É certo que a maior parte refere-se a dúvidas e pedidos de ajuda. Mas entre os elogios e as «cunhas» lá aparecem críticas e opiniões interessantes que só por manifesta timidez os meus leitores particulares não partilham com os leitores em geral, dando também conhecimento a dna@dn.pt.

Talvez por acharem que, no meio de tanta cultura e erudição, uma dúvida audiófila não tem a importância de uma dúvida existencial, ou que a sua opinião não tem valor quando há outros assuntos mais interessantes a tratar por pessoas tão importantes e mediáticas. Por isso seleccionei quatro e-mails recentes (aos quais já respondi, claro) apenas para provar que todas as opiniões contam, mesmo quando não concordo com elas.

Rafaela. Leram bem: uma mulher audiófila. Só por isso merecia um destaque. Mas eu não seleccionei o seu e-mail apenas por ser mulher num mundo de homens - isto apesar de ser um dado científico que têm melhor ouvido. O que se passa é que os homens conseguem concentrar-se nos sons, enquanto as mulheres têm mais dificuldade em abstrair-se da música, pelo que não entendem onde está a graça de ou-

vir sucessivamente a mesma faixa vinte vezes com cabos diferentes. Para elas a emoção conta mais que a sensação auditiva. Como sempre têm razão. Mas os homens são assim, pronto: têm uma natural tendência para preferir a árvore à floresta, nem que seja para urinar atrás dela ou...

Rafaela enviou-me uma lista do equipamento que possui e de colunas que pretende comprar que revela um conhecimento audiófilo raro e um bom gosto que só pode ter sido educado na leitura atenta dos melhores escritores mundiais da especialidade. O facto de se dizer minha leitora atenta é, neste contexto, uma honra.

Não sabia que, além da minha esposa, que é a minha melhor crítica, havia outra mulher com paciência para me ler...

Humberto. Lê-me com desencanto porque não se identifica com os meus gostos e zurze-me porque considera o Cinema Em Casa uma aberração. Prefere o estéreo. Também eu. Será que ao fim de 247 edições do DNA não consegui deixar transparecer isso? Pelo menos 200 dos meus artigos são exclusivamente sobre equipamento high-end de reprodução estéreo pura e, em muitos casos, utilizando tecnologia de vácuo (válvulas) para desespero do editor que teria preferido algo mais prosaico. Humberto sugere mesmo que separe os textos destinados «a ele» dos outros. Vou tentar. Acontece que os outros

(a maioria) mandam-me e-mails a sugerir que me deixe de purismos e me dedique ao «surround». Vá lá um homem ser prior numa frequência destas.

O que já acho mais estranho é afirmar que encontra «escassas novidades» no que escrevo. Os leitores regulares de «Sons» foram os primeiros a saber da existência do DVD (a primeira foto mundial de um protótipo de DVD Sony foi publicada no DN), Dolby Digital AC3, DTS, HDCD, Super Audio CD, DVD-Audio, Dolby EX, DTS ES, DVD-Blue, etc. Isto para não falar dos primeiros textos sobre o CD publicados na imprensa portuguesa, em 1983; e, mais tarde, MiniDisc, DCC, CD-R, etc.

Dos cerca de 200 equipamentos divulgados no DNA, muitos foram antes de qualquer outra publicação nacional ou internacional, incluindo os E.U.A. (a vantagem única de escrever num jornal e não numa revista especializada). E, por falar em jornais, só dois exemplos: o amplificador Yamaha e as Colunas Bluepod/Minipod, referidas nas duas últimas edições de Vidas (Expresso) como novidades, foram divulgadas no DNA há ... anos.

Um dia vou publicar todos os meus artigos em livro e ofereço-lhe um exemplar. Vai ficar surpreendido. Ou ainda mais desencantado...

Anónimo. Não divulgue nem o meu e-mail (medo ou defesa da privacidade?). Informa-me a propósito do artigo «A globalização do lixo» so-

bre o sistema anti-cópia Safeaudio:

O 4º álbum de originais, «Lateralus», da banda americana Tool, editado pela Zomba Records/Virgin/EMI, 1º lugar de vendas no Billboard (70.000 cópias numa semana) está protegido contra cópia. Sem aviso.

José Pedro. Enviou um link de uma página na internet (www.audiorevolution.com) onde se dão informações sobre um site de «hackers» holandeses que explicam como «dar a volta» aos sistemas anti-cópia dos CD.

O segredo parece residir na utilização de um ficheiro Windows VXD que permite registar cada faixa do CD como um ficheiro .WAV convencional. A coisa é complicada e excessiva para o «pirata» honesto que só quer gravar umas faixas sortidas para ouvir no carro. E a Sony já anunciou que os seus discos prensados na Áustria vão passar a ser protegidos pelo sistema «key2audio». A este não há volta a dar-lhe.

Como já expliquei no artigo em referência, o sistema baseia-se na utilização de «drop-outs» (erros) no limite da capacidade do circuito de correcção por interpolação do leitor-CD. Quando há um «buraco» na trama digital, o sistema calcula matematicamente a informação em falta com base no que vem antes e depois. Mas como a interpolação só se faz durante a descodificação a cópia não é possível. Eu tentei com o disco teste da Pièrre Véranly que tem uma faixa de «drop-outs» sucessivos e, de facto, não é possível copiar.

Mais de dez anos depois de Stan Curtis ter provado com o fabuloso leitor-CD Cambridge CD-1 (tinha um contador de drop-outs) que quanto mais erros num disco pior era o som; depois de a JVC ter provado com os XRCD que um disco bem prensado pode ter um som excepcional, está na moda produzir discos com «defeitos» propositadamente, à custa da qualidade do som, para impedir que o consumidor faça uma cópia para uso próprio, sem intenção de venda, como está previsto na lei.

Ou, como ironizou Martin Colloms, também citado no artigo, corresponde a cortar com uma faca todos os quadros numa galeria de arte para impedir que os roubem...

E o artigo termina com um apelo: e se, em vez de andarem a investir milhões em sistemas anti-cópia, que de qualquer modo acabam por ser quebrados, vendessem os discos mais baratos? Talvez o pessoal comprasse mais e copiasse menos... ■

jvhsom@mail.telepac.pt